

FRENTE DE TEMPESTADE - OS ARQUIVOS DRESDEN

Storm Front - The Dresden Files

JIM BUTCHER

Tradução: Johann Heyss

Para Debbie Chester, que me ensinou tudo que eu precisava saber sobre o que é escrever. E para meu pai, que me ensinou tudo que eu precisava saber sobre o que é a vida.

Saudades de você, pai.

CAPÍTULO UM

Ouvi o carteiro se aproximando da porta do meu escritório meia hora mais cedo do que de costume. Ele soou estranho. Parecia que seus passos estavam mais pesados, mais vivos, e ele assoviava. O cara era novo na função. Ele foi assoviando até porta do meu escritório, mas fez silêncio por um instante ao chegar. Então ele riu.

E então bateu à porta.

Eu me retraí. Costumam deixar minha correspondência na caixa de correio, a não ser que seja registrada. É muito raro eu receber algo registrado, e quando acontece, nunca é notícia boa. Eu me levantei da cadeira e abri a porta.

O novo carteiro – que parecia uma bola de basquete com braços e pernas, bronzeado e careca – estava rindo da placa na porta de vidro. Ele olhou para mim e apontou o aviso com o polegar.

– Tá de brincadeira, né?

Eu li a placa (as pessoas a mudam de vez em quando) e balancei a cabeça.

– Não, eu estou falando sério. Pode me dar minha correspondência, por favor.

– Então, ahn. Você é chegado a festas, shows, essas coisas?

Ele olhou para trás de mim como se esperasse ver um tigre branco, ou quem sabe assistentes com pouca roupa andando empinadas de um lado para outro em meu escritório de um só cômodo.

Eu suspirei – não estava com saco de ser zoadado de novo – e segurei a correspondência que ele tinha na mão.

– Não, nada disso. Não sou de festas.

Ele não soltou a correspondência e inclinou a cabeça, curioso.

– Então o que? É do tipo que lê a sorte? Cartas, bola de cristal, essas coisas?

– Não – eu respondi. – Eu não sou médium nem leio a sorte. – Eu puxei a correspondência. Ele continuou segurando.

– Então você é o que?

– O que diz a placa na porta?

– Diz "*Harry Dresden. Bruxo*".

– Eu mesmo – eu confirmei.

– Bruxo de verdade? – ele indagou sorrindo, com cara de quem quer que explique a piada. – Com direito a feitiços e poções? Demônios e rituais de magia? É dado a sutilezas e se enfurece *num* piscar de olhos?

– Nem tão dado a sutilezas assim. – Eu arranquei a correspondência da mão dele com um puxão e lancei um olhar incisivo para sua prancheta. – Posso assinar o recebimento da minha correspondência, por favor?

O sorriso do novo carteiro se desfez, seguido por uma carranca. Ele me passou a prancheta para eu assinar o recebimento da correspondência (mais uma cobrança de aluguel atrasado) e disse:

– Você é pirado. Isso que você é. – Ele pegou sua prancheta de volta e disse – Tenha um bom dia, senhor.

Eu o observei partir.

– Típico – eu murmurei e fechei a porta.

Meu nome é Harry Blackstone Copperfield Dresden. Invoque por sua própria conta e risco. Sou um bruxo. Trabalho em um escritório no centro de Chicago. Até onde sei, sou o único bruxo profissional do país a trabalhar abertamente. Estou nas páginas amarelas, na seção "Bruxos". Acreditem ou não, sou o único nome da seção. Meu anúncio é assim:

HARRY DRESDEN - BRUXO

Encontram-se objetos perdidos. Investigações paranormais.

Consultas. Aconselhamento. Preços razoáveis.

Nada de poções do amor, sacos sem fundo, festas e espetáculos em geral

É impressionante a quantidade de gente que me liga só para perguntar se estou falando sério. Mas quem viu o que eu já vi na

vida, ou pelo menos metade do que eu já vi, ficaria espantado de ver as pessoas achando que eu não estava falando sério.

O fim do século vinte e a aurora do novo milênio testemunharam uma espécie de renascimento do interesse das pessoas por assuntos ligados ao ocultismo. Sensitivos, lugares mal-assombrados, vampiros, de tudo um pouco. As pessoas ainda não levam essas coisas a sério, mas as promessas da ciência não se concretizaram. As doenças ainda representavam um problema. A fome ainda era um problema. A violência, o crime e a guerra ainda eram problemas. Apesar de todo avanço tecnológico, as coisas ainda não mudaram do jeito que todos esperavam.

A ciência, que era a maior religião do século vinte, fora um tanto maculada pelas imagens de naves espaciais explodindo, filhos do *crack* e toda uma geração de americanos complacentes que deixavam a criação dos filhos a cargo dos aparelhos de tevê. As pessoas estavam em busca de algo – acho que nem sabem em busca de que. E apesar de estarem começando a abrir os olhos novamente para o mundo de magia e mistérios que sempre os cercou, ainda achavam que tudo não passava de uma brincadeira.

Enfim, o mês tinha sido bem devagar. Na verdade, foram dois meses arrastados. Só paguei o aluguel de fevereiro em dez de março e pelo jeito ia demorar mais ainda para conseguir acertar o este mês.

Meu único trabalho tinha sido na semana anterior, quando fui a Branson, Missouri, para investigar se a casa de um cantor de música country era assombrada ou não. Não era. Meu cliente não gostou da resposta e ficou ainda menos satisfeito quando eu sugeri que ele desse um tempo nos entorpecentes e tentasse se

exercitar e dormir um pouco para ver se não dava mais certo do que um exorcismo. Recebi por uma hora de trabalho, mais despesas de viagem, e saí sentindo que havia feito a coisa mais honesta e correta que podia – e mais desprovida de senso prático essencial. Depois fiquei sabendo que ele contratou uma médium charlatã para fazer uma cerimônia com um monte de incenso e luzes ultravioletas. Que gente.

Terminei de ler a brochura e joguei na caixa onde estava escrito JÁ LIDOS. Havia uma pilha de brochuras lidas e descartadas em uma caixa de papelão em um dos lados da minha escrivaninha, com as lombadas dobradas e as páginas deformadas. Eu pego muito pesado com os livros. Já que não havia mesmo trabalho nenhum a fazer, eu olhei para a pilha de livros ainda por ler e comecei a pensar em qual seria o próximo quando o telefone tocou.

Olhei para o aparelho com uma cara meio rabugenta. Nós, bruxos, somos bons nesse negócio de fazer cara feia. Após o terceiro toque, quando achei que já não ia parecer que estava desesperado demais, atendi dizendo:

– Dresden.

– Ah. Quem fala é, ahn, Harry Dresden? O, ahn, bruxo? – ela falava de um jeito constrangido, como se estivesse morrendo de medo de me ofender.

Não, eu pensei. Aqui é Harry Dresden o, ahn, *bucho*. Harry, o bruxo, fica na porta ao lado.

Já se espera que os bruxos sejam ranzinzas. Mas não se espera isso de consultores *free-lance* que estão com o aluguel

atrasado, então em vez de bancar o engraçadinho eu respondi à mulher ao telefone:

– Sim, senhora. Em que posso ajudá-la?

– Eu, ahn... – ela disse. – Não sei bem. Acho que você pode me ajudar a encontrar algo que perdi.

– Achar objetos perdidos é minha especialidade – eu disse. – O que devo procurar?

Houve uma pausa tensa.

– Meu marido – ela disse. Sua voz estava um pouco rouca, que nem uma animadora de torcida ao fim de um longo campeonato, mas com a idade lhe pesando o bastante para já ser chamada de adulta.

Eu arqueei as sobrancelhas.

– Senhora, eu não sou especialista em encontrar pessoas desaparecidas. A senhora já procurou a polícia ou algum detetive particular?

– Não – ela disse logo. – Não, eles não podem. Quer dizer, eles não... Ah, meu Deus, é tudo complicado demais. Não dá para explicar por telefone. Desculpe por tomar seu tempo, senhor Dresden.

– Espere – eu me apressei em dizer. – Desculpe, mas a senhora não me disse seu nome.

Mais uma vez aquela pausa tensa, como se ela estivesse conferindo anotações antes de responder.

– Pode me chamar de Monica.

Pessoas que não entendem nada sobre bruxos não gostam de dizer seus nomes verdadeiros. Eles creem firmemente que um bruxo

que ouça o nome da pessoa dos próprios lábios pode usá-lo contra a pessoa. A bem da verdade, essas pessoas têm razão.

Eu tinha que ser o mais educado e inofensivo possível. Ela estava prestes a desligar o telefone por pura indecisão e precisava do trabalho. Eu bem que podia achar o marido se me esforçasse.

– Muito bem, Monica – eu disse a ela, tentando soar o mais agradável e simpático possível. – Se você acha que o problema é de origem oculta, pode vir ao meu escritório para conversarmos. Se eu de fato puder lhe ajudar, ajudarei; caso contrário eu a encaminharei a alguém que possa ajudá-la melhor. – Dei um sorriso forçado, rangendo os dentes. – Sem compromisso.

Deve ter sido por eu dizer que era sem compromisso. Ela concordou em vir ao escritório, disse que chegava dentro de uma hora. Então devia estar chegando lá pelas duas e meia. Tempo de sobra para sair e almoçar e depois voltar ao escritório para encontrá-la.

O telefone tocou de novo quase no instante em que eu o coloquei de volta no gancho, me fazendo quase pular de susto. Eu olhei para o aparelho. Eu não confio em aparelhos eletrônicos. Qualquer coisa produzida depois dos anos quarenta é suspeita e parece não ir muito com a minha cara. Seja o que for: carros, rádios, telefones, tevês, aparelhos de vídeo – nada disso se comporta direito comigo. Eu não gosto nem de usar lapiseiras automáticas.

Atendi com a mesma falsa animação que usara com Monica do Marido Desaparecido.

– Dresden falando, em que posso ajudar?

– Harry, preciso de você na Madison dentro de dez minutos. Pode ir? – A voz do outro lado da linha também era de mulher, fria, rápida, profissional.

– Ora, tenente Murphy – eu disse de modo efusivo e exageradamente meloso. – Que bom saber de você também. Quanto tempo. Ah, estão todos bem. E sua família, como vai?

– Poupe sua lábia, Harry. Tenho dois corpos aqui e preciso que você venha dar uma olhada.

Eu parei de brincar na hora. Karrin Murphy era diretora de Investigações Especiais do centro de Chicago, nomeada *de facto* pelo comissário de polícia para investigar qualquer crime considerado incomum. Ataques de vampiros, ogros ladrões e fadas sequestradoras de crianças não se encaixavam direito na rotina policial, mas mesmo assim as pessoas eram atacadas, crianças eram roubadas e propriedades eram destruídas ou danificadas. E alguém tinha de cuidar disso.

Em Chicago, ou mais ou menos em qualquer lugar da nação Chicago, essa pessoa era Karrin Murphy. Eu era sua biblioteca de assuntos sobrenaturais e consultor remunerado do departamento de polícia. Mas dois corpos? Duas mortes por meios desconhecidos? Eu jamais havia encarado um caso desses antes.

– Onde você está? – eu perguntei a ela.

– Hotel Madison na Rua Dez, sétimo andar.

– Fica a quinze minutos a pé do meu escritório – eu disse.

– Então você pode chegar dentro de quinze minutos. Ótimo.

– Hummm – eu disse. Olhei para o relógio. Monica Sem-Sobrenome estaria chegando dentro de quarenta e cinco minutos. – Eu meio que tenho um compromisso.

– Dresden, estou aqui com dois corpos, sem pistas nem suspeitos, e tem um assassino à solta. Seu compromisso pode esperar.

Eu me irritei. Às vezes acontece.

– Na verdade, não pode – eu disse. – Mas te digo o seguinte. Vou dar um pulo aí para dar uma olhada e voltar para o escritório a tempo.

– Já almoçou? – ela perguntou.

– O que?

Ela repetiu a pergunta.

– Não – eu disse.

– Não almoce. – Houve uma pausa e quando ela voltou a falar, deu para perceber o tom esverdeado de suas palavras. – A coisa é feia.

– Tão feia assim, Murph?

A voz dela se abrandou, o que me assustou mais do que qualquer imagem de morte violenta ou sanguinolenta. Murphy era a garota mais durona entre as duronas, e se orgulhava de jamais demonstrar fraqueza.

– O negócio é pesado, Harry. Por favor, não demore. A divisão de Crimes Especiais está louca para pôr as mãos nisso aqui e eu sei que você não gosta que toquem na cena do crime antes de você dar uma olhada.

– Estou indo – eu disse, já me levantando e vestindo meu casaco.

– Sétimo andar – ela me lembrou. – Te vejo lá.

– Tá bem.

Apaguei as luzes do escritório, saí e tranquei a porta com o cenho franzido. Eu não sabia direito quanto tempo levaria para investigar a cena do crime de Murphy e não queria deixar de conversar com Monica *Não-Me-Pergunte-Nada*. Então abri a porta de novo, peguei um pedaço de papel e um percevejo e escrevi:

Tive de sair, mas estarei de volta às duas e meia. Dresden

Isto feito, comecei a descer as escadas. Eu raramente uso o elevador, apesar de meu escritório ser no quinto andar. Como eu já disse, não confio em máquinas. Elas sempre enguiçam quando eu preciso delas.

Além disso, se eu estivesse usando meios mágicos para matar duas pessoas de uma vez só nessa cidade e não quisesse ser apanhado, providenciaria para que saísse de cena o único bruxo a quem o departamento de polícia recorreria. Achava bem mais seguro descer a escada do que me enfiar em um elevador.

Paranoia? Provavelmente. Mas ser paranoico não significa necessariamente que não haja um demônio à espreita, pronto para engolir sua cara.